

ISSN 2675-7281
Volume 03 - Nº 18, Dezembro/2022

[عقم]CORPOS

revista pós-pornográfica de fotografia





Esta revista leva o selo DUOCU,
formado pelos artistas
Bruno Novadvorski &
Chris, The Red
www.duocu.art.br



editorial

Chegamos à última edição de 2022. Um ano que não esqueceremos e nem podemos, pois quem esquece a própria história, tende a repeti-la. 2022 é o último ano de um mandato de um governo que nunca deveria ter acontecido, mas aconteceu e destruiu o Brasil em tantos aspectos que precisaremos de muita força para nos restabelecermos não apenas enquanto nação, mas brasileiros. Felizmente,

Direitos e Comprometimento:

As imagens constantes na [pós]CORPOS© são de autoria do seu criador - Chris, The Red - e por outros artistas que, gentilmente, as cederam para serem publicadas com as devidas permissões de direitos autorais.

A [pós]CORPOS© está comprometida com artistas e todos os direitos autorais estão reservados. Nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do editor-chefe da [pós]CORPOS ou do artista.

Outras imagens - que possam ser utilizadas - são livres de direitos autorais. No entanto, se houver uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato.

São Paulo - SP

[pós]Corpos© é uma publicação bimestral idealizada e criada pelo designer gráfico, artista visual e fotógrafo Chris, The Red, co-fundador do DUOCU em parceria com o artista visual Bruno Novadvorski.

[\[www.thered.com.br\]](http://www.thered.com.br)

Volume 03, Nº 18, Dezembro/2022 (ISSN 2675-7281)

Edição e Redação Chris, The Red **Capa** Chris, The Red (fotografia, 2022) **Ensaio Fotográfico Principal:** Chris, The Red (2022) **Ensaio Fotográfico Corpos Falantes:** Chris, The Red (2020) **Logotipo** The Red Studio by Chris, The Red **Projeto Gráfico e Direção de Arte** The Red Studio by Chris, The Red

chegamos ao seu fim com a esperança renovada com o novo governo que assumirá em 2023 e é com esta certeza de que dias melhores virão que apresento a vocês esta novíssima [pós]CORPOS, com aquilo que fazemos muito bem: a livre prática da nossa sexualidade. No ensaio principal, um pequeno conto de natal realizado no Cabaré da Jacke. Aproveito para agradecer imensamente a Jacke por abrir as portas do seu cabaré para nós e parabenizar pelos seus 3 anos de existência e a BrBottom e Leo por me ajudarem a contar essa pequena estória natalina. E na coluna Corpos Falantes, Bruno Novadvorski nos questiona: “incomoda falar sobre as sexualidades nas artes visuais?”. Arte e sexualidade sempre estiveram juntas e sempre estarão e não podemos mais colocar pra baixo dos tapetes. Chega desse conservadorismo hipócrita. Deixemos nossos gozos livres.

Chris, The Red

bixa designer gráfico artista visual fotógrafo editor-chefe



Nota do editor

Esta é uma publicação de arte e fotografia que contém cenas de nudez, sexo explícito e genitais. Consulte com cuidado caso sinta-se ofendido. Todas as imagens presentes nesta publicação são de autoria do editor/criador Chris, The Red. Assim, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem prévia autorização.

Se tiver interesse de participar como modelo nos ensaios fotográficos das próximas edições, entre em contato: conexao@duocu.art.br





**Chris, The Red
apresenta**

CONTO PORNOGRÁFICO DE NATAL

**Estavam no Cabaré da Jacke,
no centro do Rio de Janeiro.
Era véspera de natal.
Estavam sós.
Família longe.
Se olharam e ali, naquele momento,
nasceu um gostoso conto de natal.**







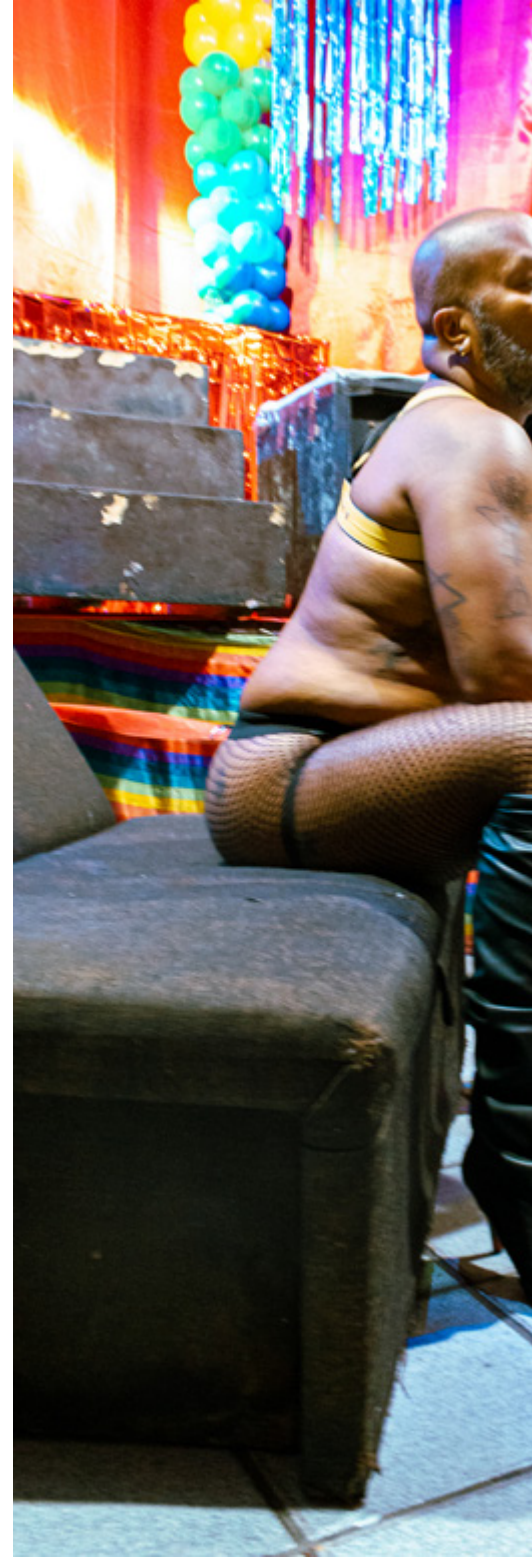






































































































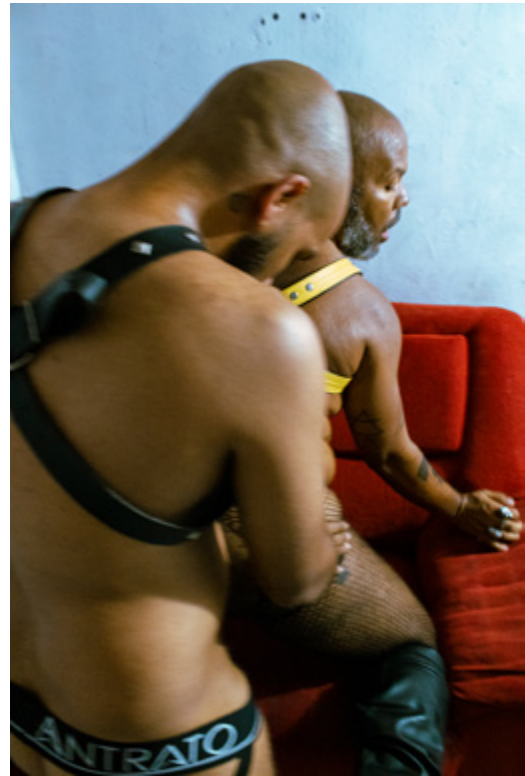














































[pós]CORPOS: BrBottom & Leo Figueiredo

Fotografia: Chris, The Red

Espaço: Cabaré da Jacke, Rio de Janeiro/RJ, 2022

 @chris.thered  @brbottom  @leofigayredo  @cabaredajackeoficial

CORPAS FALANTES

Incomoda falar sobre as sexualidades nas artes visuais?

Bruno Novadvorski



Incomoda falar sobre as
sexualidades nas artes visuais?
Incomoda falar sobre as
sexualidades nas artes visuais?
Incomoda falar sobre as
sexualidades nas artes visuais?

**Às vezes me parece que sim.
Posso perguntar mais uma vez:
Incomoda falar sobre as
sexualidades nas artes visuais?**

Por que? O que encarcera as práticas sexuais do cotidiano no privado da vida, seja no limbo do subjetivo ou nos entres da coletividade? Cabe ainda às discussões sobre a nudez? Afinal de contas, parece que ficar pelado é uma saída fácil, corriqueira, tranquila e cotidiana. Parece, mas não é. Sim, ainda cabem muitas discussões sobre a nudez.

A nudez não é inimiga, mesmo que as lógicas hetero cisnormativas brancas classistas a ditem como, ou à insistam por meio de corpos específicos. Desnudar é olhar no espelho ou na obra de arte e encontrar-se, claro no primeiro caso é mais fácil até a primeira vírgula, uma vez que podemos nos perder em nosso próprio reflexo. De qualquer modo, o espelho tem papel fundamental na produção subjetiva da nudez, que por



sua vez, reflete a maneira como aquela sociedade lida com a nudez em coletividade. Estas disputas, jogos, entrelaces, podem ser e são, mais específica para uma ideia de desnudar-se por meio da obra de arte. Mesmo o trabalho mais explícito e aqui estou falando da presença direta e objetiva de uma "essência", "atmosfera", "estado", "movimentação" sexual dos corpos, pois somos educados que nudez e sexualidade são intrínsecas e dependentes diretas, necessitando a evocação de ambas nos debates que porventura venham a se propor de modo independente, ou seja, quando falamos sobre nudez aparenta-se que estamos obrigados a falar de sexual. Ponto que independe do campo da arte, mas que nosso campo, pode e deve ser esse ponto de te(n)são/provoc(u)ação.

Irônica e contraditoriamente, os fatos me contradizem quando constatamos ser grande o número de produções artísticas que trazem em suas leituras as práticas sexuais de modo vivo. O coito, a foda, a transa, as puladas de cerca, as masturbações, as mamadas, as chupadas, as dedadas, as greladas, as beliscadas, as mordidas, os olhares, os carinhos, os amaçoos, os lugares, as cores, os tecidos, os objetos, as não-monogamias, os corpos, as corpas, es corpes, são e estão presentes na produção artística que abriga-se no guarda-chuva da imagens culturais produzidas pelas sociedades. Estas produções podem ou não ser capturadas pelo dispositivo de arte. Porém, quando são, sinto algum movimento que ainda não consigo descrever, mas que me incomoda o modo como vem sendo. As instituições vendem desconstruções, mas ainda tem entregue reproduções cistêmias. Já as que optam pela vida "marginal" da heterosociedade que



insiste em se colocar como norma natural, se dão de modo mais perturbador para o conservadorismo.

As carnes pulsam. As roupas se amontoam. O tesão aumenta. Gozar agora pode ser estético (?). Gozar já não é estético? Quando o dispositivo de arte de fato desnudar-se, talvez consiga falar sobre sexualidade de modo menos constrangido, sem medo, mas de modo aberto. Assim, estabelecemos outras possibilidades, ou melhor, outras carnalidades que nos permitam conversar sobre sexualidade sem as métricas modernas da heterosociedade.

Pensar no gozo estético é importante, afinal serei lembrado que a estética é um debate caro para o dispositivo de arte. Este gozo tem seu momento no instante em que a obra de arte salta aos olhos e arrepia a pele e a espinha. As pernas ficam bambas e nos molhos. Do mesmo modo, este gozo pode ser localizado em uma reação de horror e espanto, ou até mesmo nojo. Neste caso o gozo é a provocação e a tensão gerada na leitura de uma obra de arte que transita entre puteiros, ruas, casas noturnas, bares, ou qualquer lugar que a sexualidade transite. Esta circulação em aberto, úmida e passando por várias regiões do corpo, da corpa e de corpes, é em algum momento, um reflexo dos movimentos sexuais. Assim como o gozo sexual que deriva ou se dá a partir de entrelaces de temporalidades e espacialidade que estão/constituem no/a/e/s corpo, corpa e corpes o que nos evoca as artes sexuais não é se não o prazer, ao nos deparamos com uma obra de arte que exalta a sexualidade?



Prazer e gozo. Gozo e prazer. Poder e poder gozar. Poder e poder ter prazer. Poder ter prazer ao gozar. Gozar ao poder ter prazer. Ter poder e prazer ao poder gozar. Poder gozar ao ter poder e prazer...

As leituras da sexualidade de modo geral se dará nos caminhos dos corpos em que, um jogo de configurações sustenta a constatação de certa nudez,, ou seja, a nudez assim como a sexualidade é produzida a partir de mecanismos, ferramentas, aparatos, signos, significados, agentes, leituras de macro e micro características para serem jogadas no calabouço das artes que profanam as enraizadas hegemonias artísticas. Abjetos que em algum momento futuro, na temporalidade do amanhã, porque o agora e hoje não lhe pertencem, suas histórias e estórias são contadas a contrapelo, num resgate de dignidade de desterrar as sexualidades nas práticas artísticas. Obras de arte que nos fazem gozar e gozam na nossa cara quase que como num bucaque, mas não nos modos hetero cisnornativo branco, mas a do gozo livre.

Estas provocações são maneiras de repensar as produções discursivas do campo das artes visuais e seu papel na sociedade sexual que fode e fode muito. Práticas artísticas que são erotizadas a partir da lógica penetrativa da hetero cisnormatividade branca classista e que hierarquiza as produções artísticas sexuais para darkroom institucionais artísticas. As estruturas político-sociais-económicas que 'administram' as sexualidades, balizam regulativamente do mesmo modo as artes. Este processo estabelece a concepção das obras de arte e como serão capturadas sistematicamente pelo dispositivo de arte. Muitos discursos apontam incômodo com "certo excesso" ou "o desnecessário"



ou “o profano” ou “o constrangedor” ou “o ousado” ou qualquer outra coisa banal, pornográfica, bagaceira, suja, mas nunca como obra de arte.

As práticas sexuais artísticas não incomodam porque são artísticas, incomodam porque são práticas sexuais. Aliás, incomodam de fato? No fundo, incomodam quando são de corpos não hetero cisnominativos brancos classistas. As produções artísticas contemporâneas que provocam estas questões, compõem os novos alicerces dos novos ideais de sociedades de fato humanas. Logo, outra marcação importante, a de que práticas sexuais realizadas por corpos que fogem à lógica padronizante da heterosociedade, são postulados como inferiores, menos, inadequadas, impróprias, inconvenientes e qualquer outra colocação absurda. Como disse, minha fala é confrontada pelo grande número de produções artísticas que tangenciam as temáticas até aqui entrelaçadas, mas estas existências artísticas estão nas margens da heterosociedade. Sim, estes espaços são e devem ser respeitados pelas suas produções, mas ao mesmo tempo fica a questão, por que trabalhos explicitamente sexuais não podem ocupar espaços e territórios artísticos que são consolidados? Ou melhor, por que alguns corpos brancos cisgêneros classistas podem estar presente nesse locais, sujeitando outras tantas corpos e corpes?

É complexo tentar encerrar um debate sobre o incômodo que se dá com o aparecimento de obras de artes que evocam as práticas sexuais. Como tentei esboçar, me parece que outras questões se impõem, outras provocações necessitam ser pontuadas para debates amplos e profundos. As práticas sexuais devem

estar em aberto assim como as práticas artísticas, seja estabelecida a conexão ou não. O que não se pode negar é o gozo e a nudez possível nesse caminho. Deixar para fora das instituições todo moralismo que engessa discurso sobre artes visuais e putarias.

Goze artisticamente todos os dias!

Bruno Novadvorski é mestrando em Artes (PPGARTES/UERJ). Bacharel em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IA-UFRGS). Artista visual, pesquisador e editor-chefe da revista digital corpo explícito. Organizador do Ars Sexualis - Seminário de Artes Visuais: Discursos e Dispositivos para Pensar as Sexualidades do Instituto de Artes/ UFRGS. Técnico em Produção de Moda, formado pelo SENAC - Brusque/SC. Como artista já expôs individual e coletivamente nas cidades de Brusque (Santa Catarina), Cachoeirinha e Porto Alegre (Rio Grande do Sul), São Paulo (São Paulo). Tendo o seu corpo como suporte se apropria de várias linguagens e poéticas para falar de questões que perpassam pelo nu, o sexo explícito, o espaço e a política. Colaborador da Falo Magazine.

Fotos: Chris, The Red

[pós]Corpos: Bruno Novadvorski
Cabreúva SP, Brasil, 2020

